
Organizações religiosas, meio ambiente e resistência: um estudo das práticas discursivas da Igreja Batista de Pinheiro no contexto do desastre da Braskem¹

Emanuelle Gonçalves Brandão RODRIGUES²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Este trabalho discute como uma organização religiosa, a Igreja Batista de Pinheiro (IBP), que se insere em uma ordem contra hegemônica do discurso cristão, atuou diante da crise gerada pelo colapso de uma das minas de extração de sal-gema da Braskem em Maceió. Para tanto, analisamos um conjunto de enunciados da IBP no Instagram com base na Análise do Discurso de linha francesa. Partindo das concepções de organização e religião como discursos, o estudo de organizações religiosas nos permite lançar novos olhares sobre as formas de atuação, negociação, contestação e comunicação das organizações como um todo, fazendo-nos repensar o modo como construímos nossos objetos.

PALAVRAS-CHAVE: IBP; organizações religiosas; comunicação; discurso religioso; Braskem.

Introdução

Este trabalho discute como uma organização religiosa, que se insere em uma ordem contra hegemônica do discurso cristão, atuou diante de um cenário de crise no contexto do desastre socioambiental provocado pela mineradora Braskem em Maceió. Referimo-nos à Igreja Batista de Pinheiro (IBP), atualmente liderada pelo Pastor Wellington Santos e pela Pastora Odja Barros, instituição com vasto histórico de luta na capital alagoana e que vem resistindo às investidas da empresa pela desapropriação do território dos bairros atingidos pelo afundamento do solo decorrente da exploração de minério.

Analisamos, precisamos, as práticas discursivas da IBP durante a crise gerada pelo colapso de uma das minas de extração de sal-gema, a Mina 18, à época inativada, na região de risco de afundamento. Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa que integra uma pesquisa realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa Baleia – Laboratório de Estudos em Comunicação, Organizações e Narrativas, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

¹ Trabalho apresentado no GP 28 - Relações Públicas e Comunicação Organizacional, do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e Coordenadora do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: emanuelle.rodrigues@ichca.ufal.br.

O recorte considera o período de 28 de novembro³ a 31 de dezembro, englobando desde a publicização da iminência da irrupção da Mina 18 até os dias que se seguiram após o rompimento, compreendendo os desdobramentos do ocorrido. Neste intervalo de tempo, foram publicadas 28 postagens, que consiste em nosso *corpus* ampliado, das quais extraímos três publicações que abordam o caso Braskem a partir de uma leitura bíblica da IBP, constituindo-se como nosso *corpus* específico. A escolha se justifica pelo espaço restrito que temos, neste texto, para discussão.

Esta análise é norteadada por duas compreensões. A primeira é a concepção de organização como discurso (Baldissera, 2014), visto que sua existência está condicionada a uma linguagem que a torna legível, produzindo a si mesma no tempo e no espaço. As condições de aparecimento de uma organização são determinadas por contextos e enunciados que a tornam possível, do discurso oficial às vozes que a interpelam, produzindo sentidos no próprio desenrolar das cenas que ela se enuncia.

A segunda leitura que orienta essa análise é a de religião como discurso (Montero, 2012), uma vez que sua existência se faz na malha de sentidos produzidos no espaço público, os quais não preexistem às práticas religiosas – também discursivas –, mas se formam no fluxo de interações discursivas que se desenrolam na esfera pública. Esse é o ponto de partida que Montero (2012, p. 177) assume ao afirmar que “quem e o que se pode dizer passa sempre por um processo, historicamente determinado de produção de legitimidade para falar e produção de legitimidade sobre o que pode ser dito”.

Atualizando o conceito habermasiano de esfera pública, a autora propõe pensá-la, antes, como configurações de visibilidades constituídas por controvérsias públicas, estas entendidas, grosso modo, como um espaço de disputa e construção de sentidos que se estrutura em torno dos discursos de indivíduos e organizações que agem segundo estratégias de produção de visibilidade e legitimidade (Montero, 2018). Tais controvérsias emergem como condições de visibilidade de organizações e sujeitos na disputa pelos sentidos em circulação, motivo pelo qual nos propomos a observar como determinados atores adentram na ordem do discurso no contexto do desastre da Braskem.

Como prática de linguagem que mobiliza, também, signos extralinguísticos, o discurso é uma forma de ação que se constitui na relação com o outro, dentro de contextos determinados e no interior do interdiscurso (Maingueneau, 2015). Assim, quando falamos

³ Data em que a Prefeitura de Maceió publica a primeira nota sobre o possível rompimento da Mina 18.

da IBP, estamos nos referimos a uma organização que existe a partir de um conjunto de enunciados que disputam a ordem hegemônica e os sentidos próprios de religião. Analisar seu discurso implica, assim, compreender como uma dada ordem social é construída por meio de processos comunicacionais (Maingueneau, 2015).

Fundada em 1936, a Igreja Batista de Pinheiro, localizada em um dos bairros atingidos pelo desastre – ainda em curso – provocado pela Braskem⁴, surgiu como uma pequena congregação no coração de Maceió, Alagoas. Por meio de seus meios de comunicação institucionais, a IBP se apresenta como uma igreja cuja missão é “Cuidar e defender a criação e a dignidade de todas as pessoas [...]” e a missão “Ser uma igreja acolhedora para todas as pessoas, comprometida com o cuidado sustentável da criação e defesa da dignidade humana, que serve e proclama o Evangelho de Jesus [...]” (Oliveira; Santos, 2011). Durante uma palestra, a Pastora Odja Barros defendeu que a fé, como tudo na vida, é política, afirmando que o desastre provocou a reelaboração do sistema de crenças da Igreja, que passou a assumir mais uma missão: a *denúncia profética* contra os crimes ambientais da mineradora em Maceió⁵.

Além dos cultos, a IBP sediou reuniões com moradores locais para discutir a crise, que teve início em 2018 com os primeiros tremores de terra. No final de 2023, após o rompimento da Mina 18, a Igreja foi forçada a fechar. Sua relação com o espaço público é marcada, desde o início, como um movimento de resistência e contestação social, sendo espaço acolhedor para minorias representadas socialmente e leituras contra hegemônicas da Bíblia. No caso específico da crise da Mina 18, selecionamos três publicações para analisar as práticas discursivas da organização.

Para compreender a que estratégias respondem os enunciados analisados, devemos considerar o contexto em que são publicados. Diante das controvérsias geradas a partir da iminência de rompimento da mina, muitas questões surgiram a nível local: por que somente agora foram incluídos alguns imóveis na zona de risco? Quem eram os culpados? Qual o raio de risco real de afundamento? Trata-se de risco ou de estratégia de conquista de território?

⁴ Bairros atingidos diretamente pelo desastre e suas respectivas populações, segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Pinheiro (16.859), Bebedouro (10.103); Bom Parto (12.841); Farol (2.632); e Mutange (19.062). Além desses, foram afetados também bairros da “borda”, cujos habitantes ainda sofrem com o ilhamento e a exclusão social.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=oF93DT3Pr88>

FIGURAS 1, 2 e 3 – Publicações da IBP no contexto da crise na Mina 18 da Braskem



Fonte: Página da IBP no Instagram.

As publicações foram realizadas após a desocupação da IBP, em 4 de dezembro e o rompimento da Mina 18, em 10 de dezembro⁶. Nelas são mobilizadas algumas noções e histórias fundamentais para a concepção de igreja defendida pela instituição. Estão em disputa os sentidos de nascimento, morte, fé e revelação, para citar alguns deles. Através de uma hermenêutica bíblica popular, citam histórias e personagens bíblicos como alegorias para entender o presente, no caso do livro Apocalipse e do seu vilão Dragão, ou acontecimentos das narrativas bíblicas, como o Natal, para propor uma ressignificação dos eventos.

Na postagem do dia 15 de dezembro⁷, a IBP destaca a ideia que se tornou basilar de suas práticas discursivas no combate à Braskem, que é compreender as vítimas como *refugiadas ambientais* na própria cidade. Isso remete ao declínio nas condições de vidas das vítimas, que foram totalmente afastadas de sua comunidade, dos locais de trabalho e estudo, além do padrão de vida piorado. A situação foi ainda pior entre pessoas mais pobres, predominantemente negras, e em sua maioria mulheres. A Igreja nomeia esse processo de *racismo ambiental* e confere a ele o valor de pecado.

Em 18 de dezembro, a publicação utilizava a mensagem do Livro Apocalipse para explicar a relação da mineradora com as vítimas, referindo-se à Braskem como o Dragão

⁶ <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/18/crime-da-braskem-igreja-batista-do-pinheiro-patrimonio-material-e-imaterial-de-alagoas-luta-para-voltar-ao-bairro-e-nao-virar-posse-da-mineradora>

⁷ https://www.instagram.com/p/C04xkthPOIP/?img_index=1

que buscava tragar o filho da mulher grávida. A IBP afirma ser sua missão a *resistência profética* na luta contra a empresa, cuja ganância foi um de seus maiores pecados.

“O Natal é sobre lugares e não lugares”, diz a Igreja na imagem publicada em 19 de dezembro⁸, quando já tinha sido interditada pela Defesa Civil de Maceió. Trata-se de um *post* em formato de carrossel, do qual selecionamos uma figura. Na legenda da postagem, complementa: “É no “não lugar” produzido pelo poder da ganância que se vive mais um advento, celebrando a esperança do Deus conosco. É neste não lugar marginal que Deus está acontecendo na vida comunitária da Igreja Batista do Pinheiro e em cada pessoa e família refugiada ambiental vítima da #BraskemCriminosa”⁹. É assim que remetem ao discurso constituinte religioso para reorganizar o discurso político a partir de um sistema de crenças antagônico àquele defendido pelo cristianismo hegemônico. Esses discursos se cruzam nos enunciados, reelaborando os sentidos de lugar, não lugar e território, reforçando a ideia de que as vítimas são refugiadas ambientais.

A IBP, que nunca fechou acordo com a Braskem e luta na justiça por reintegração de posse, contestando com laudos da Braskem, busca reocupar seu território¹⁰. A disputa de sentidos que sua comunicação reflete pode ser considerada parte das estratégias discursivas de produção de visibilidade apontada por Montero (2012) e reelaboração dos sentidos de religião e política, de modo que eles compreendam a realidade concreta da desigualdade aprofunda pelos discursos religioso e político hegemônicos.

Como explica Montero (2018), as reelaborações de concepções clássicas de religião e política, por exemplo, afetaram a organização das ações religiosas no espaço público, transformando, como no caso da IBP, suas zonas de interesse e de intervenção social. Se, como afirma Maingueneau (2008), os discursos constituintes – como o religioso – não reconhecem outra autoridade além da própria, como explicar a comunicação de uma organização que tensiona os sentidos hegemônicos do religioso?

A nosso ver, trata-se de uma mudança de olhar sobre a religião, entendendo-a não como um dado pré-discursivo, mas um discurso que se constrói na ação de diversos atores em disputa no espaço público. Como vimos, as controvérsias produzidas a partir da Mina 18 se constituíram como espaço importante para a construção de estratégias de visibilidade e produção de legitimidade social de grupos minoritários afetados pela

⁸ https://www.instagram.com/p/C1DONKIPnfm/?img_index=3

⁹ https://www.instagram.com/p/C1DONKIPnfm/?img_index=1

¹⁰ <https://apublica.org/2023/12/a-igreja-dos-ultimos-dias-da-braskem-em-maceio/>

Braskem. A IBP, a partir de seu posicionamento político, não apenas se colocou como uma instituição religiosa contra hegemônica, mas acima de tudo como uma organização política discursivamente constituída em oposição ao modelo minerador de exploração responsável por violar e degradar a vida coletiva (Aráoz, 2020).

A noção de *religião pública* (Casanova apud Montero, 2018), nos ajuda a entender esse cenário em que o processo de secularização não resulta em menos religião, mas um reposicionamento do religioso como um aspecto que atravessa as sociedades¹¹. Logo, a religião não seria um *campo* relativamente autônomo, como propusera Pierre Bourdieu, mas se faria presente no espaço público de múltiplas formas na modernidade, reorganizando seu escopo de atuação e redefinindo as fronteiras entre público e privado.

No atual estágio de complexidade das sociedades, estudar organizações religiosas nos permite lançar novos olhares sobre as possibilidades múltiplas de atuação, negociação, contestação e comunicação das organizações, fazendo-nos repensar o próprio modo como construímos nosso objeto. Isso porque as organizações, como a religião, são produzidas discursivamente por nós quando as narramos em nossas pesquisas, sendo uma questão fundamental para as pesquisas de relações públicas do presente.

Referências

- ARÁOZ, H. M. **Mineração, genealogia do desastre**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- BALDISSERA, Rudimar. A complexidade dos processos comunicacionais e a interação nas organizações. In: MARCHIORI, Marlene. (org.). **Cultura e interação**. Coleção faces da cultura e da comunicação organizacional. Difusão; Senac: Rio de Janeiro, 2014. p. 113-124.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organização Sírio Possenti, Maria C. P. Souza-e-Silva. Tradução Sírio Possenti [...]. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- MONTERO, P. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.
- MONTERO, P. Religião cívica, religião civil, religião pública: continuidades e descontinuidades. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 19, n. 33, p. 15-39, jan./jul. 2018.
- OLIVEIRA, R. A.; SANTOS, W. Nossa história. In: Igreja Batista de Pinheiro. **IBP 2024: Comunidade que permanece e produz frutos**. Maceió, 24 nov. 2011. Disponível em: <https://batistadopinheiro.blogspot.com/p/nossa.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

¹¹ Casanova “define como religiões públicas as instituições religiosas que assumem funções políticas nas três diferentes arenas políticas modernas” (Casanova, 2009, p. 1 apud Montero, 2018, p. 29)